

Train for Trade II

Programa Conjunto UE-CNUCED para Angola



Exportações
verdes



1º Workshop de Formação:
**Revisão Nacional das
Exportações Verdes de Angola**



NAÇÕES UNIDAS
CNUCED



UNIÃO
EUROPEIA



MADEIRA

Luanda, 11 a 22 de junho de 2018

2018

MADEIRA COMO PRODUTO VERDE



GRUPO 5

21-06-2018

Contexto Socioeconómico

Angola é um país que está na zona austral do continente africano, partilha fronteiras, ao norte com a República Democrática do Congo, a leste com a Zâmbia e a sul com a Namíbia. A extensão territorial é de 1 246 700 km² e a costa tem uma extensão de 1 650 km. A extensão terrestre é de 4 837 km², tendo três pontos principais de entrada e saída de pessoas e bens: Luvu, ao norte na fronteira com o RD Congo, Luau a leste na fronteira com a Zâmbia e Santa Clara, a sul na fronteira com a Namíbia. O comércio fronteiriço nestes pontos já é considerável de acordo com os dados da Administração Geral Tributária (AGT).

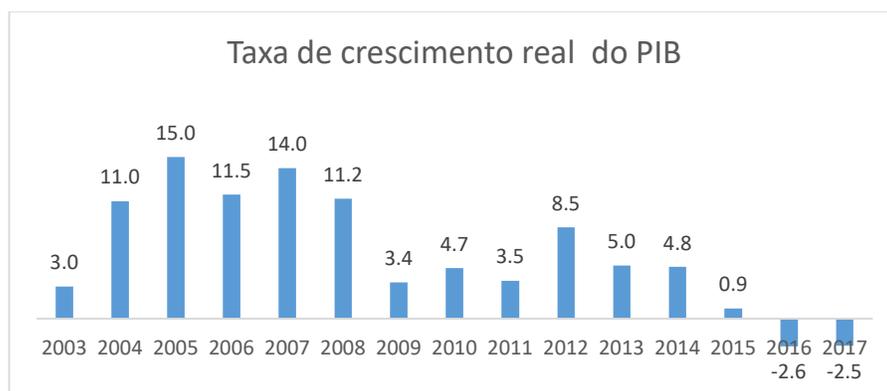
Na parte final do período colonial Angola apresentava uma boa performance em termos económicos, tinha uma estrutura produtiva relativamente diversificada o que possibilitou exportar uma grande variedade de produtos. Nesta época a estrutura das exportações eram bem diversificada, o café, que era o maior produto de exportação, pesava cerca 30%, diamantes 10%, produtos agrícolas 20%, produtos industriais 15%. Angola começou a exportar petróleo em 1959; em 1960, o peso do petróleo nas exportações totais foi de 0,74% e somente em 1973, o petróleo estava no topo dos produtos mais exportados, constituindo 30% do total das exportações, enquanto o café 26%¹.

Depois da independência, infelizmente o país mergulhou numa guerra civil que fez com que a generalidade da actividade económica parasse. Os únicos sectores que não deixaram de produzir eram os diamantes e o petróleo. Por isso hoje são os que mais peso têm nas exportações.

Em 2002, o país alcançou finalmente a paz com o fim da guerra civil que durou muitos anos, o que possibilitou relançar a actividade económica em todas as províncias. Mas para tal foi necessário antes reconstruir as infraestruturas económicas e sociais (estradas, pontes, hospitais, escolas, caminhos de ferro, aeroportos, portos, barragens, etc.) que foram destruídas durante o período do conflito armado.

Crescimento Económico

Depois da paz em 2002, o Angola obteve taxas de crescimento económico elevadas, como se poder ver no gráfico abaixo.



Fonte: INE (Contas Nacionais Maio 2018).

Entre 2004 e 2008, a taxa média de crescimento real do PIB foi de 12,5%. O Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola (CEIC-UCAN) apelidou a este

¹ Paulo, F. M, Diversification of the Angolan Exports –Challenges and Benefits, página 38.

período como o período da mini idade de ouro da economia angolana. Foi o único período desde a independência que verificou taxas de crescimento acima dos dez por cento ao ano, em quatro anos consecutivos. Neste período Angola aumentou consideravelmente a produção e a exportação do petróleo bruto, o preço no mercado internacional estava, em média, acima dos USD 60 o barril, com máximos entre os USD 70-100, em 2007 e 2008. As receitas em termos de divisas e em termos fiscais possibilitaram o governo a fazer uma série de investimentos públicos em todo o país.

Em 2009, a crise financeira internacional afectou Angola, o que fez com que o crescimento económico reduzisse consideravelmente, mas felizmente o preço do petróleo, depois de uma descida em finais de 2008, em finais de 2009 recuperou rapidamente, fazendo com que a taxa de crescimento do PIB em 2010 fosse superior em comparação com a do ano anterior. De 2009 até 2014, em média Angola cresceu 5%, uma taxa bastante inferior em comparação com o período da mini idade de ouro.

De 2015 até 2017, Angola entrou numa profunda crise de crescimento económico, como pode-se ver no gráfico acima, em 2016 e 2017 o país enfrentou duas recessões, ou seja, diminuição no produto interno bruto. O sector privado não petrolífero enfrenta dificuldade de acesso ao crédito, pois a banca comercial está a praticar taxas de juros altos, acima dos 25%, o que está a inibir as empresas a realizarem novos investimentos. Além disso, a política de endividamento que o Governo está a prosseguir, emitindo títulos e bilhetes de tesouro com taxa de remuneração acima dos 20%, está a fazer com que a banca comercial esteja mais inclinada a financiar o Governo ao invés das empresas.

As empresas industriais estão com dificuldades de importar matéria-prima e outros materiais necessários para a produção devido às restrições no acesso as divisas, o que está a influenciar negativamente o nível de produção. Angola precisa urgentemente aumentar as suas exportações não petrolíferas, o que possibilitará ter outras fontes de receitas em moeda estrangeiras. Por isso neste trabalho vamos analisar a possibilidade de se exportar mais produtos como o caso da madeira, sal e cerveja que já têm um nível razoável de produção interna e de exportações.

Taxa de Inflação

Devido à escassez dos produtos, o nível de geral de preços em Angola no período do conflito armado era muito elevado, havia hiper inflação. No final de 2002, a taxa de inflação era de 105,59%.



Fonte: BNA.

O fim do conflito armado e a política económica que foi implementada pelo governo fez com que o aumento nível geral de preços na economia reduzisse de ano a ano até sensivelmente ao ano de 2015. O Banco Nacional de Angola jogou um papel preponderante, em parte graças às reservas internacionais líquidas (reservas em moeda estrangeira), que serviram de âncora cambial, pois sempre que o quisesse reduzir a massa monetária em circulação (para diminuir a pressão sobre os preços no mercado) vendia a moeda estrangeira aos bancos comerciais. Com o intuito de controlar a inflação dos produtos importados, manteve uma taxa de câmbio fixa, o que possibilitou os importadores a adquirem moeda estrangeira a preços baixos e para que eles, por sua vez não aumentassem os preços dos produtos no mercado.

Emprego

Em 2002 cerca de 4 milhões de pessoas estavam empregadas no país, nos diversos sectores da economia nacional. Os últimos dados disponíveis dão conta que em 2016, o número de emprego foi de 6,6 milhões, dos quais 146 810 foram novos empregos. O sector agrícola emprega cerca de 45% dos trabalhadores no país, seguido do comércio com 18%, Estado cerca de 7% e construção 6%².

O sector petrolífero, que tem maior peso no PIB, emprega apenas 1% dos trabalhadores, devido ao facto deste sector muito intensivo em capital. Para que haja criação de mais empregos é preciso investir no sector não petrolífero como agricultura, industria, transporte, construção e entre outros.

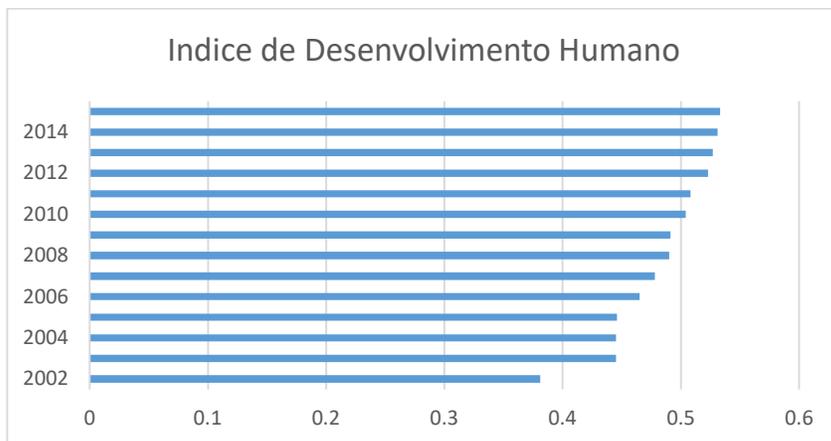
Apesar do número de emprego registado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) estar acima dos 6 milhões de trabalhadores, a taxa de desemprego no país ainda é elevada. O último inquérito feito pelo INE (IIMS 2015-2016) apresentou a estimativa da taxa de desemprego em 20% da população entre os 15 e 64 anos de idade. A taxa de desemprego dos jovens entre 15-19 anos é de 44,5% e entre 15-24 anos 38%, entre 25-34 anos 16%, ente 35-44 anos 8,8%.

Situação social

Para que haja melhoria nas condições de vida da população, melhorando assim a situação social da mesma, (no que diz respeito a educação, saúde, habitação, etc.) é importante que o crescimento económico seja transformado em desenvolvimento, impactando assim na vida do dia-adia das pessoas.

Hoje os economistas usam o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) para avaliar o nível de desenvolvimento económico e social dos países. Quanto mais próximo de 1 (um) maior é o desenvolvimento.

² CEIC-UCAN Relatório Económico de Angola 2016.

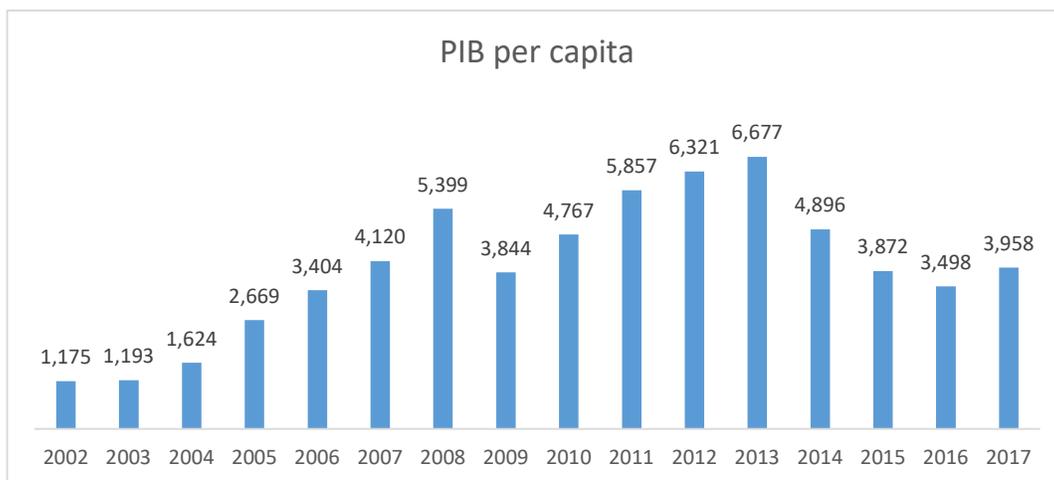


Fonte: UNDP Relatório do Desenvolvimento Humano 2016.

No caso de Angola, em 2002 apresentava um IDH abaixo do 0,4 um indicador muito baixo, que era o reflexo do baixo nível de escolaridade, do baixo nível de esperança de vida (que era abaixo dos 40 anos) e baixo rendimento per capita. Já em 2015, passados 13 anos de paz, o IDH passou para 0,53 (uma melhoria acumulada de 40%, com uma média anual de 3%). Apesar de continuar na lista dos países com o desenvolvimento humano baixo, verificou-se algumas melhorias. Hoje a esperança de vida dos angolanos está nos 60 anos.

Muitos sentem que poderia se ter alcançado mais desenvolvimento, tendo em conta o nível de crescimento económico que Angola teve nos últimos anos. Mas infelizmente, os níveis de pobreza contínua altos e uma boa parte da população não tem acesso a água potável, energia eléctrica, transportes públicos, especialmente nas zonas rurais. Há ainda muitas crianças fora do sistema de ensino.

Olhando para um outro indicador, o PIB por habitante, nota-se que houve um grande salto desde 2002, que o valor era de USD 1 175 por habitante, até 2013 quando atingiu-se o maior valor de sempre USD 6 677.



Fonte: cálculos do autor com base nos dados do INE (população e PIB) e BNA (taxa de câmbio)

Mas esta dinâmica do aumento do PIB per capita não foi acompanhada do aumento do salário médio no país. Hoje o salário mínimo da função pública é de cerca de 16 mil Kwanzas, menos de

USD 100, o que faz com que o nível de pobreza aumente, pois com este nível de rendimento muitos não conseguem satisfazer mesmo as necessidades básicas.

O inquérito sobre o bem-estar da população realizado pelo INE em 2008/2009 dava conta que 36,6% dos angolanos viviam com menos de USD 1,25 por dia e 60% com menos de USD 2 por dia. Até ao momento não há dados mais recentes sobre a pobreza em Angola, mas tendo em conta que nos últimos 3 anos o PIB por habitante tem vindo a diminuir (visto que a economia está a crescer (recessão ou crescimento negativo em 2016 e 2017) abaixo do crescimento demográfico (3,1%), podemos afirmar que o nível de pobreza em Angola aumentou. Vê-se claramente que, em especial desde 2016, muito ou quase todos hospitais estão sem medicamentos, as escolas sem os devidos materiais didáticos, parte das infraestruturas sociais estão a degradar-se.

Contexto Político

Angola vive um novo contexto político, desde a eleição e a tomada de posse do novo Presidente de República, João Lourenço, em Setembro 2017. Como o país está numa profunda crise económica e financeira, a nova política económica do Governo está orientada para a diversificação da economia e das exportações. O Plano Nacional de Desenvolvimento (PND 2018-2022) e o PRODESI são os dois documentos chaves onde estão espelhados os objectivos do novo Executivo no que diz respeito ao desenvolvimento económico do país.

No PND, no que diz respeito a cerveja, o Executivo tem como meta de até 2022, 10% do excedente da produção nacional seja exportado³.

Quanto ao Sal, o PND, diz que a “Política de Fomento da Produção Nacional, Substituição de Importações e Diversificação das Exportações tem como prioridades fomentar a produção de produtos naturais endógenos”⁴, entre estes encontra-se o Sal. E a meta é de aumentar a produção do Sal em 40% até 2022, tendo como ponto de partida o ano de 2017. Para tal pretende-se incentivar a criação de MPME ligadas a produção deste produto e promover a sua competitividade.

A madeira, as bebidas alcoólicas (cerveja) e o sal estão entre os produtos seleccionados no âmbito do PRODESI com o potencial de contribuir para o fomento e diversificação das exportações de acordo com o PND (página 158)

Madeira

Ainda segundo o PND “Angola possui uma extensão de 53 milhões de hectares de florestas, os quais, em grande medida, se encontram subaproveitados, não contribuindo para a riqueza interna, a economia local e a fixação das populações no interior. Existem reservas de madeira em toda a floresta produtiva natural e plantada de aproximadamente 57.450 milhares de m³, em condições de exploração. Seguindo os princípios da gestão sustentável, em termos práticos, significa que é possível explorar em toda a floresta, em média por ano, cerca de 1.210 mil m³ de madeira em toro, sendo 360 milhares de m³ na floresta natural e 850 milhares de m³ na floresta plantada. A exploração sustentável desses recursos pode ser uma fonte de riqueza e de criação de emprego local, permitindo abastecer o mercado interno e diversificar as exportações. Além disso, permite prosseguir uma estratégia de povoamento do interior, ao criar condições de

³ PND 2018-2022, página 75.

⁴ PND 2018-2022, página 157.

subsistência para todo um conjunto de pessoas que farão desta actividade o seu sustento principal. Neste contexto, o programa visa incrementar, de forma sustentável, os níveis de extracção de madeira e derivados, bem como, aumentar a produção de produtos não madeireiros, em particular o mel. Pretende-se também, assegurar os devidos níveis de povoamento e repovoamento florestal, com vista a combater a desflorestação e aumentar a superfície coberta por florestas”. (página 165)

O facto de se ter em atenção a necessidade de povoamento e repovoamento florestal, mostra a preocupação do Executivo com a sustentabilidade ambiental da exploração da madeira no país. E os próprios exploradores têm consciência disso, pois sabem que a sustentabilidade económica e financeira do seu negócio depende de se garantir a existência futura de mais alvares para o corte.

Cadeia de Valores da Madeira, Produção e Exportação

A exploração de madeira começa com prospeção que consiste numa pesquisa preliminar do terreno e que depois é seguido da exploração (corte, concentração e transporte), na serração começa a primeira transformação em que o toro é transformado em tábuas, barrotes e ripas. O normalmente o resultado da primeira transformação é que exportado depois da secagem seguido do processo do fitossanitário (por uma empresa certificada pelo ministério da agricultura). Na segunda transformação ao sair da serração, os produtos vão à carpintaria ou a marcenaria que é normalmente realizado por uma outra empresa.

Em geral quase toda a cadeia de valor é realizada por uma única empresa, e no caso de Angola são 15 empresas que estão envolvidas até ao processo de carpintaria, que são as de grande porte. As empresas que estão na comercialização, cerca de 17, que são de médio porte, compram os produtos da serração.

Quanto ao emprego, o sector da madeira emprega 3 mil trabalhadores que estão envolvidos na exploração, 2 mil na serração e 1 500 na comercialização, perfazendo um total de 6 500 trabalhadores em todo o país.

O volume de produção média anual dos últimos 5 anos, de acordo com o IDF, é de 326 mil m³ e em 2016 85% da produção é que foi exportada. Em termos de valor, em 2016 a exportação total de madeira foi de USD 34 milhões (FOB). De acordo com o Estudo da ACOM “Do universo de empresas exportadoras, cerca de 25 empresas (10%), contribuíram para 79% do valor total das exportações, sendo que as 5 principais empresas exportadoras foram responsáveis por 35,5% do valor total das exportações”⁵.

Tendo em conta que o valor das exportações totais em 2016 foram de USD 26 530 milhões⁶, os 34 milhões representaram apenas 0,12% do total das exportações.

Quanto ao destino das exportações, os países que mais compram a madeira de Angola são: China, Estados Unidos de América, Dinamarca, Vietnam, Portugal, Emirados Árabes Unidos, Turquia entre outros⁷. Como se pode ver, os países da região Austral na constam da lista dos principais países que compram a madeira de Angola, o que mostra uma oportunidade de se

⁵ ACOM, Estudo Sectorial da Madeira (2017) Página 75.

⁶ CEIC-UCAN Relatório Económico de Angola Pagina 140

⁷ ACOM, Estudo Sectorial Madeira (2017) página 82.

expandir o mercado nesta zona. Para tal a diplomacia económica deve funcionar no sentido de se publicitar as potencialidades e os pontos fortes da madeira que é explorada em Angola.

Análise SWOT

<p style="text-align: center;">Pontos Fortes</p> <p>Área florestal estimada em 53 milhões de hectares</p> <p>Stock Comercial estimado em quase 26 milhões de m³</p> <p>População Rural de 36%</p> <p>Densidade Populacional de 20,7 pessoas/Km²</p> <p>RCA= 10.23</p>	<p style="text-align: center;">Oportunidades</p> <p>Adesão de Angola ao mercado livre da SADC</p> <p>Maior procura de produtos acabados de madeira ao nível regional</p> <p>Clima tropical propicio a plantação de árvores</p> <p>Flexibilidade dos portos de Luanda e Lobito na stockagem dos produtos no parque até 10 dias</p> <p>Surgimento de indústria de aglomerado para apoiar o mercado local do mobiliário</p>
<p style="text-align: center;">Pontos Fracos</p> <p>Alto nível de burocracia por parte do Ministério da Agricultura e no processo de exportação</p> <p>Falta de Equipamentos de exploração e de corte</p> <p>Dificuldade de acesso às zonas de exploração (falta de estrada e picadas)</p> <p>Não existência de uma rede de distribuição estruturada</p> <p>Falta de energia eléctrica e custo alto do combustível.</p> <p>Custo de tratamento fitossanitário elevado</p> <p>Produtividade baixa (25 m³/hectare)</p>	<p style="text-align: center;">Ameaças</p> <p>Pouco tempo de exploração permitido por lei (apenas 6 meses Maio-Outubro)</p> <p>Dificuldades de acesso ao financiamento (altas taxa de juros acima 25%)</p> <p>Altos custo de fazer negócios no país</p> <p>Carga fiscal alta (de acordo com os empresas)</p>

Papel do comércio no desenvolvimento local

A comercialização de madeira em Angola é concentrada na madeira processada e os principais consumidores são os sectores de construção civil e o mobiliário. O mercado interno é alimentado pelas importações e pela produção nacional não exportada, que entre 2012-2015 rondou por volta dos 64% e 83%⁸. No sector do mobiliário os carpinteiros e marceneiros tradicionais são que fabricam móveis que são comercializados nos principais mercados informais

⁸ ACOM, Estudo Sectorial da Madeira (2017), página 90.

no país. As empresas formais de carpintaria e marcenaria, de acordo com o ministério da Indústria, são mais de 30 (incluindo as empresas exploradoras de madeiras e que têm também unidades de carpintaria e marcenaria) o número chega nos 63 empresas que empregam cerca de 800 trabalhadores. Os dados da produção mobiliária não estão disponíveis. Mas nos mercados informais encontra-se uma boa quantidade de mobílias de fabrico local.

PLANO DE ACÇÃO DA MADEIRA

Objectivo maior	Relançamento da Fileira da Indústria de Madeira, Mobiliário e Afins			
Acção	Sub-acção		Indicador de performance	Responsáveis
Favorecer a oferta nacional de madeira e seus derivados	1.1.1	Aumentar a produtividade por hectare – explorando outras espécies	Relatórios da produção por hectare	Empresas e Ministério da Agricultura
	1.1.2	Facilitar aquisição de equipamento de exploração e corte	Inventário das empresas	Empresas
	1.1.3	Criação de empresas da terceira transformação (contraplacados, MDF, etc)	Análise da cadeia de valores a jusante	Sector Privado, Ministério da Economia e da Indústria, Ministério da Agricultura
	1.1.4	Reduzir o período de defeso para 3 meses	Decretos Presidencial	
Diversificar e aumentar os produtos derivados	1.2.1	Criação de indústria de celulose e papel	Análise da cadeia de valores à jusante	Sector Privado, MEP
	1.2.2	Criação de indústria de pellets		
Revitalizar a economia rural	1.3.1	Criação de cooperativas de exploradores tradicionais	Relatórios do IDF	IDF
	1.3.2	Formação dos operadores tradicionais locais		
Desencorajar a carga ou pressão sobre as florestas naturais	1.4.1	Incentivar a criação de floresta plantadas e atribuir benefícios fiscais às empresas que já o fazem	Relatório das empresas e visualização dos espaços plantados	IDF e Ministério do Ambiente
Incentivar a exportação de produto transformado	1.5.1	Aumentar a produção de mobílias	Relatório das empresas	Empresas e Ministérios do Comércio e Indústria
	1.5.2	Aumentar a produção de aglomerados, folhas, MDF		
	1.5.3	Reduzir a burocracia no processo de exportação		
	1.5.4	Criação de uma empresa idónea para certificação dos derivados de madeira		

Train for Trade II

Programa Conjunto UE-CNUCED para Angola



1º Workshop de Formação: Revisão Nacional das Exportações Verdes de Angola

Luanda, 11 a 22 de junho de 2018

Mais informações:

<https://unctad.org/meeting/1st-training-national-green-export-review-angola-under-eu-unctad-joint-programme-angola>

Contatos:

Mario Jales, UNCTAD, Mario.Jales@un.org

Henrique Pacini, UNCTAD, Henrique.Pacini@un.org

Johanna Silvander, UNCTAD, Johanna.Silvander@un.org

Financiado pela União Europeia

